

Julia é uma pessoa que se identifica como uma mulher cisgênero, heterossexual e parda. Ela tem trinta e seis anos e esteve casada por catorze anos com Miguel. Eles têm duas crianças: um menino de 10 anos (o Marcelo) e uma menina de um ano e nove meses (a Mariana). Eles moravam em um pequeno apartamento alugado, de dois dormitórios, no bairro de Tatuapé, na Zona Leste de São Paulo. Sua família era mineira, da cidade de Ubaí. Ela morava em uma pequena fazenda, com seus pais, suas três irmãs e seu irmão caçula. A fazenda era simples e pequena, mas tinha árvores de laranja, jabuticaba, gabioba, grumixama, pitanga, goiaba e uvaia. As crianças amavam comer jabuticaba grumixama, pitanga e goiaba no pé. A família também plantava milho, cebola, taioba, chuchu, abobrinha, abóbora-menina, couve, salsinha, cebolinha, alho, quiabo e ora-pro-nobis. Parte do milho eles comiam e parte era dada aos animais do galinheiro. A cozinha não ficava dentro da casa. Ficava no fundo do terreno, depois da horta, e tinha um fogão a lenha. Dona Ilma, a mãe de Julia, passava a maior parte do seu tempo lá, além do tempo em que cuidava das plantações e do galinheiro. Na cozinha aberta, ela fazia suco de uvaia, pão de queijo e quitandas para as crianças, além de toda a comida do dia a dia. Era uma comidinha simples e farta e Julia lembra muito bem do cheiro gostoso daquela cozinha. Sua comida favorita era o feijão tropeiro da mãe. Dona Ilma também fazia goiabada, licor de gabioba, queijo e defumava linguiças ali. A família vendia a goiabada e o licor para uma mercearia na parte urbana do município. Também faziam trocas com os seus vizinhos, oferecendo ovos, galinhas, frutas, milho, goiabada e licor. Recebiam de volta leite, feijão e carne de porco. O Seu Nicanor, pai de Julia, trabalhava numa fazenda um pouco maior, com gado e porco. O problema era que, na volta, ele costumava parar em outra chácara em que tinha alambique de pinga. Nas noites em que ele chegava bêbado em casa, era melhor a mãe e as crianças estarem dormindo. Quem olhasse para ele, apanhava. Por causa disso, Julia lembra bem do medo que sentia da noite. Quando escurecia e o pai ainda não estava em casa, ela e a mãe gritavam para todo mundo ir dormir. Às vezes todos já estavam deitados, mas o irmão menor fazia xixi na cama e elas tinham que levantar, mãe e crianças, para limpar tudo, com medo e pressa.

Julia gostava mesmo de ir para a escola. Fazia o caminho de bicicleta. Tinha muitas amigas lá e adorava suas professoras. Quando estava no colegial, uma professora muito boa a incentivou a fazer faculdade, coisa que ela tinha sonhado, mas não pensado. Ela queria sair de casa, de cidade, ir para Belo Horizonte. Como elas se davam muito bem, Julia contou o sonho para sua mãe, que vibrou de felicidade. A mãe começou a guardar um dinheirinho extra das vendas e assim Julia foi estudar Direito na Universidade Federal de Minas Gerais. O pai só soube depois que ela tinha ido.

Em Belo Horizonte, Julia ficou morando por um tempo na casa de uma amiga de sua tia e fazia de tudo para se virar e garantir seu sustento. Trabalhou como caixa de supermercado, vendia bolos para seus colegas de classe, fazia faxina.... Felizmente, em pouco tempo pôde se mudar para a Moradia Universitária e fazer suas refeições no Restaurante Universitário (RU). Ela acordava, tomava banho, comia seu café da manhã no RU e ia trabalhar no supermercado. À noite corria para jantar no RU e chegar nas aulas a tempo. Depois da aula preparava o almoço que levaria como marmita para o almoço do dia seguinte. Julia sentia saudades da sua mãe e da comida dela, mas estava muito feliz com os estudos e a vida nova na cidade. Depois de um ano, conseguiu um estágio para auxiliar a secretariar a Comissão de Graduação da Faculdade de Letras. Morando e trabalhando no campus, ela passou a ir em mais festas. Em uma, conheceu um moço charmoso, que dançava bem e se chamava Miguel. Ele disse que estava fazendo contabilidade, o que era uma meia-verdade: ele era mais novo e fazia técnico em contabilidade, e não a faculdade, como tinha ficado implícito. Os dois saíram mais vezes e começaram a namorar e ela perdoou a mentira. Quando ela terminou a faculdade, começou a trabalhar de secretaria num escritório de advocacia e ficou noiva de Miguel. Julia não estava com tanta pressa assim para se casar, mas, com um noivo, ela sentia mais segura para visitar a mãe em Ubaí. Toda vez que eles iam, saiam com uma sacola enorme de frutas, hortaliças e as especialidades de Dona Ilma: os doces de fruta, o licor, a linguiça, o pão de queijo e as quitandas. Eles começaram a reparar que, a cada visita, Dona Ilma parecia mais abatida, lenta e com o coração pesado. Julia a levou para consultas em Belo Horizonte e os diagnósticos não foram bons: hipertensão arterial, diabetes mellitus e

depressão. Ela recebeu prescrições de diurético, antiglicemiante oral e antidepressivo. Os médicos também recomendaram que ela diminuísse o consumo de açúcar, sal e gordura. Esqueceram de perguntar e saber que aquela bolachinha, aquela torta feita com banha de porco, aquele queijo bem curado, aquela lingüicinha que ela mesma defumava eram as maiores alegrias de sua vida difícil. Aquela cozinha era o território dela, lá ninguém mexia com ela, nem marido, nem médico.

Infelizmente, um ano depois Dona Ilma teve um AVC e morreu. Julia ficou arrasada. Depois disso Julia não conseguia mais ir para Ubaí, nem para ver os irmãos e nem o pai. Miguel ficou preocupado com a tristeza de Julia e sugeriu que eles fossem para outro lugar. Parte da família dele morava em São Paulo e eles acharam que seria bom casar e morar fora de Minas Gerais. A chefe da Julia a recomendou para uma colega paulistana advogada e ela começou a trabalhar lá, também como secretária. Miguel pulou de emprego em emprego e acabou se tornando professor de direção em uma autoescola. Os dois trabalhavam muito, pegavam a linha vermelha lotada do metrô diariamente e cuidavam das crianças, com ajuda de uma tia do Miguel, a Cecília. Mesmo com o stress de São Paulo, Julia considerava sua vida boa: ela gostava do trabalho, seus filhos tinham saúde, seu marido era carinhoso e ela fez boas amigas. Só sentia muita saudade da mãe e da comidinha dela.

Julia come de tudo e ama legumes e verduras, refogados com bastante alho e cebola. Adora principalmente as hortaliças amargas, como catalonha, sempre nesse refogado. De vez em quando acha um pouco de taioba na praça que leva as crianças para brincar e traz para casa com muita alegria. Ela também ama carne de porco, peixes, farinha de mandioca junto com a comida, sucos naturais de frutas e doces.

A pandemia atingiu sua família com muita força. Ela ficou fechada em casa com a sua família por um ano. Julia ficou trabalhando em casa, mas era constantemente interrompida pelas crianças, que queriam atenção ou comida. Três meses após o início da pandemia, a autoescola na qual Miguel trabalhava fez “cortes” e ele foi demitido. Com isso, a situação financeira da família complicou e Julia passou a sustentar a casa. Seu salário era de R\$ 1.700. Isto impactou muito a compra de alimentos. Nesta época, Júlia deixou de sair de

casa para fazer compras, pois apenas Miguel saía. Ele fazia a compra do mês em um Atacadão, para comprar o básico com preços melhores, como arroz, feijão, açúcar, café, farinha de mandioca, etc. Nessa compra ele não tinha muita dificuldade, só na parte dos produtos de limpeza. Ele não ia ao sacolão como Júlia costumava fazer, apenas em um supermercado menor, uma vez por semana, também sozinho. Miguel se sentia um pouco perdido lá, pois não sabia direito aonde ficava o quê e demorava muito para pegar tudo que Julia colocava na lista. Na parte de hortifrúti era mais complicado, porque às vezes as verduras estavam sem nome e ele não sabia qual era qual. Nunca conseguia achar a catalonha. E também achava difícil escolher quais frutas estavam boas. Com isso, os sucos naturais de frutas foram substituídos por refrescos artificiais. Ele ainda comprava algumas guloseimas para as crianças, porque se sentiria muito mal como pai em tirar isso delas. Mas tiveram que parar de pedir pizza depois da demissão, algo que não agradou ninguém na casa, nem Julia, que via na pizza um descanso.

Além do trabalho em casa e o problema com dividir o computador com Marcelo (para as aulas online), ela tinha que cuidar da casa, dos filhos e fazer café da manhã, almoço e jantar. O Miguel ajudava um pouco a cuidar da filha, mas não colaborava em nenhuma tarefa doméstica e culinária. Dizia que não conseguia fritar nem um ovo e que não adiantava nada ajudar, porque se ele lavava um copo a Julia reclamava que não tinha ficado limpo direito.

Julia se sentia triste e estafada. Sentia falta de Minas Gerais, do aconchego da comida quentinha da mãe. Tinha muita dificuldade em ter ideia do que fazer para o almoço e o jantar e achava que a televisão não ajudava, pois ou as receitas eram difíceis ou os ingredientes não eram para o seu bolso. Às vezes sobrava arroz ou feijão e ela não sabia o que fazer. Teve uma noite que tinha um finzinho de arroz na geladeira, um inhame pequeno, uma batata pequena, quatro bifinhos de acém e um tomate. Então o jantar ficou um monte de pequenas comidas: um pouco de arroz, um bife bem pequeno para cada um, uma rodela de tomate para cada, um pouquinho de inhame cozido e de batata frita. Ninguém passou fome (embora Miguel tenha reclamado de não ter ido dormir de barriga cheia), mas ela teve que preparar muitas coisas para fazer um conjunto que fosse o suficiente, ou seja, trabalhou bastante. E, na sua

cabeça, se culpou, pensando na mãe que sempre punha uma mesa farta, mesmo sendo pobre.

À noite, quando todos iam dormir, Julia terminava algum trabalho no computador, naquele momento sem o Marcelo, ou passava roupa. Depois que terminava tudo, sentava no sofá da sala, fumava um cigarro e comia algum doce, mesmo que seja improvisado. Era um momento de silêncio, o que era raro na casa, mas também de preocupação sobre o amanhã.

Em 2021, Júlia voltou ao trabalho presencial e Miguel conseguiu um emprego em outra autoescola, o que melhorou as finanças da família. Porém, Miguel assumiu uma atitude de quem não precisava contribuir com nada, em termos de cuidado com as crianças e das tarefas culinárias e domésticas, pois, segundo ele, Júlia “tinha dado conta de tudo” na pandemia. Isso trouxe muita tristeza a ela que, depois de muito tempo de solidão a dois, decidiu se separar em 2022. Agora Júlia mora com as crianças em um apartamento alugado de um quarto ainda na Zona Leste, mas no bairro de Itaquera. O apartamento tem coleta de lixo e tratamento de água e de esgoto, mas o gás não é encanado, então ela tem que comprar botijão. Ela conversou com a dona do escritório de advocacia sobre sua situação, mostrou o primor do seu trabalho e a convenceu a promovê-la. Agora, em vez de secretaria, ela é advogada júnior e recebe R\$2.500 por mês. Ela está se sentindo realizada em finalmente exercer a profissão para a qual estudou. Também se sente mais livre, pois toma suas próprias decisões e não tem que ouvir constantes reclamações.

Atualmente, ela tem 1,60m de altura e 61kg. Sua saúde é boa, ela só sente dor nas costas em função do cuidado com as crianças e de arrumar a bagunça que elas fazem. Julia tem problemas para evacuar desde que teve Mariana, pois a bebê geralmente chora se ela fica muito tempo no banheiro. Ela não tem tempo para atividade física, mas anda vinte minutos da sua casa até o metrô (e vice-versa) e faz aula de dança uma vez por semana, por uma hora, em um centro comunitário gratuito que descobriu perto do trabalho. Ela ama essa aula e diz que é um dos melhores momentos da semana, mesmo tendo que almoçar voando, pois a aula é no horário do seu almoço. Sua jornada de trabalho é de oito horas por dia e a maior parte deste tempo ela passa sentada, trabalhando no computador.

Agora, ela prepara o café da manhã e o jantar da família. Ela leva uma marmita com as sobras do jantar para comer no almoço. Diz que fica um pouco enjoada de comer a mesma comida duas vezes, mas não sabe como fazer para mudar a comida do jantar que vai para a marmita sem ter que cozinhar tudo de novo. Júlia tem feito as compras em um supermercado pequeno perto do seu novo apartamento e ainda não conseguiu descobrir se há feiras ou sacolões no novo bairro. Mesmo com um salário maior, ela tem tido dificuldade financeira, pois os preços dos alimentos e do gás de cozinha subiram muito. Muito raramente consegue comprar carne vermelha. Geralmente se vira entre o ovo, a salsicha e a mortadela. Sua prioridade é a alimentação das crianças. Faz de tudo para não faltar leite, inclusive deixou de tomar leite no seu café, para sobrar mais para as crianças. Na saída do metrô costuma comprar o que chama de “bobagens” (como balas, pirulitos, biscoito de polvilho e bolacha recheada) para mimar as crianças, pois acha que esta é uma forma de mantê-las felizes depois da pandemia e da separação. Ela continuou com o hábito de comer um doce improvisado no final do dia, mas sem fumar cigarro mais. Se antes costumava comer o leite Ninho em pó misturado com achocolatado, agora come pó de café misturado com bastante açúcar, por ser mais barato. Com tantas mudanças em sua vida, Júlia hoje se anima com o amanhã.